

CAPITALISMO, ESTADO E CLASSES SOCIAIS

Organização Socialista Libertária (OSL)

SISTEMA CAPITALISTA-ESTATISTA

O capitalismo-estatismo (sistema ou sociedade capitalista-estatista ou apenas capitalista) é um modo de poder/dominação histórico.

Sua estrutura sistêmica macrosocial pode ser analiticamente dividida em três esferas ou campos (priorizaremos este último termo, daqui em diante): econômico, político e intelectual-moral, os quais expressam, histórica e respectivamente, economia capitalista, Estado moderno e grandes instituições de comunicação e instrução. Esses três campos (assim como as instituições econômicas, políticas e intelectuais-morais) são indissociáveis, interdependentes e possuem apenas autonomia relativa, visto que são parte de uma totalidade social. Isto é, o capitalismo não se resume à economia capitalista e é inseparável do Estado e das ideias que os legitimam (discordamos, portanto, das abordagens que colocam o capitalismo apenas como um sistema/estrutura econômico/a).

O sistema capitalista-estatista é uma estrutura marcada pelas relações de dominação, duráveis e hegemônicas em seus campos, instituições e forças sociais preponderantes. Ele se define pela propriedade capitalista-estatista (privada ou nacional/estatal) dos meios econômicos (de produção e distribuição), políticos (de administração, controle e coerção) e intelectuais-morais (de produção e difusão do conhecimento e das crenças). E possui uma lógica estrutural/sistêmica baseada na acumulação permanente de capital econômico, político e intelectual-moral (ou cultural, em sentido restrito).

A formação social dessa sociedade (cenário macrosocial) é produto da luta de classes (conflitos/contradições entre forças sociais históricas de classe), de mudanças e transformações conjunturais e estruturais. Essa luta, gerada pela dominação de classe, vem influenciando e sendo influenciada por outros conflitos, fundamentados em outras formas de dominação.

DOMINAÇÃO E CLASSES SOCIAIS

As classes sociais se definem pela propriedade dos meios econômicos, políticos e intelectuais-morais (discordamos, portanto, das abordagens que colocam as classes apenas como um conceito econômico). E a luta entre classes dominantes e classes oprimidas é o principal (ainda que não o único) conflito social da sociedade capitalista-estatista – sua maior contradição.

Foram traços marcantes da formação social histórica do capitalismo-estatismo, tanto a ascensão da burguesia e da burocracia moderna como classes dominantes, quanto o desenvolvimento do proletariado urbano e rural como classes oprimidas. Essas novas classes sociais concretas se somaram às antigas e, entre elas, emergiram setores intermediários.

No sistema capitalista-estatista, o movimento de produção e reprodução das classes sociais explica-se por quatro formas de dominação: a exploração do trabalho (apropriação dos excedentes do trabalho; a maioria trabalha para dar lucro e bem-estar a uma minoria), a coerção física (violência e repressão; uma minoria mata, prende e intimida a maioria), a dominação político-burocrática (mando e obediência; uma minoria decide e a maioria segue as deliberações) e a dominação intelectual-moral (monopólio na produção e difusão de ideias, informações, concepções de mundo;

legitimação das relações de dominação; uma minoria produz e distribui essas ideias, informações e concepções, e a maioria as “consome” e reproduz).

Essas quatro formas de dominação unificam classes sociais concretas (latifundiários/as, burguesia, proletariado, camponado etc.) em dois conjuntos mais amplos e contraditórios entre si: classes dominantes e classes oprimidas, que, no capitalismo-estatismo, estão em permanente conflito, luta, contradição.

MEIO AMBIENTE, NACIONALIDADE, RAÇA-ETNIA E GÊNERO-SEXUALIDADE

Ao se conformar e se reproduzir, o capitalismo-estatismo tem se mostrado uma fonte enorme de destruição do meio ambiente e dos recursos naturais. Além disso, ele vem produzindo, incorporando e/ou modificando outras formas de dominação, que interagem com a dominação de classe.

Três dessas formas de dominação se destacam, devido ao papel que possuem nas relações estruturais de poder e dominação de nossa sociedade: 1.) A dominação nacional (colonialismo/imperialismo), em que as classes dominantes de um país dominam todas as classes de outro; 2.) A dominação étnico-racial (racismo), em que membros (podem ser a classe dominante ou não) de uma raça-etnia dominam os membros de outra; 3.) A dominação de gênero e sexualidade (patriarcado), em que um gênero-sexualidade domina outro.

Essas três formas de dominação contribuíram e continuam a contribuir com o estabelecimento das relações capitalistas-estatistas entre as classes sociais e, desse modo, com a própria dominação de classe. Ou seja, o colonialismo/imperialismo, o racismo e o patriarcado contribuíram – e continuam a contribuir – com a constituição das classes sociais. E, por outro lado, as classes sociais influenciaram – e continuam a influenciar – todas essas formas de dominação.

Analiticamente, é impossível não fazer distinções entre classes dominantes e oprimidas em países centrais e periféricos; entre brancos, negros, indígenas, asiáticos e latinos; entre homens e mulheres; entre hétero e homossexuais, entre cis e transgêneros e assim por diante. No sistema capitalista-estatista, nacionalidade, raça-etnia, gênero-sexualidade produzem conflitos que atravessam as classes sociais, e que, portanto, marcam de maneira significativa sua contradição de classes.

Por um lado, esses conflitos são imprescindíveis para entendermos as classes oprimidas e os desafios para mobilizá-las; por outro lado, é necessário reconhecer que eles também têm sido utilizados pelas classes dominantes para cindir as classes oprimidas. Ao colocar trabalhadores/as contra trabalhadores/as, estimulam a divisão e a fragmentação, elementos centrais da dominação capitalista-estatista.

*** Este texto foi composto com trechos do documento “Nossos Princípios e Estratégia Geral”.**



Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL